

HUGHES, Everett C. Que outros? Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 46, p. 96-101, abril de 2017 ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Que Outros?

What Other?

Everett C. Hughes

Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Recebido: 05.01.2017

Aprovado: 06.01.2017

Resumo: A interação é a relação entre o self e alguns outros. Este ensaio enfatiza a relação com os outros e tece considerações sobre os outros. Destaca e evidencia a grande importância e efeito para a relação interativa e para o self do caráter do outro. No curso de sua discussão, faz um convite para a retomada e para a sistematização de alguns dos conceitos empregados, nas primeiras décadas do século XX, por Robert E. Park, Ellsworth Faris e W. I. Thomas. Neste ensaio, algumas das implicações da abordagem interacionista simbólica para os problemas práticos enfrentados pelo homem - na política e no trabalho, entre outros campos - são trazidos à luz. **Palavras-Chave:** interacionismo, interacionismo simbólico, self, outros

Abstract: Interaction is the relationship between the self and some others. This essay emphasizes the relationship with others and formulates considerations about the others. It emphasizes and evidences the great importance and effect for the interactive relation and for the self of the character of the other. In the course of his discussion, he calls for the resumption and systematization of some of the concepts employed in the first decades of the twentieth century by Robert E. Park, Ellsworth Faris and W. I. Thomas. In this essay, some of the implications of the symbolic interactionist approach to the practical problems faced by man - in politics and work, among other fields - are brought to light. **Keywords:** interactionism, symbolic interactionism, self, others

É difícil imaginar um dramaturgo, romancista ou político insensível aos gestos e às atitudes dos outros e de alguns outros mais do que outros¹. De fato, que tema mais comum do que esse existe na literatura e na política? Porém, a atenção sistemática ao problema dos graus e dos sentidos da sensibilidade para com os outros apareceu um pouco tarde entre os que estudam a sociedade humana de uma maneira científica. Adam Smith era um *João Batista* no campo, quando, em sua *Teoria dos Sentimentos Morais*, fez a competição explicar muito do comportamento humano e sugeriu que a escolha de

¹Ensaio traduzido do original *What other?* constante da coletânea editada por Arnold Marshall Rose, *Human behavior and social processes: an interactionist approach* (Boston: Houghton Mifflin, 1962, p. 119-127). Este ensaio de Everett Hughes é significativo por retratar um momento da constituição e retomada do segundo movimento interacionista nos Estados Unidos, com a geração apelidada por Hughes de interacionismo simbólico. Viviam-se em um movimento de expansão das ciências sociais parsoniana, que englobava a sociologia e a antropologia, - fora a psicologia e a tentativa de se levar junto a economia, - e o declínio da Escola de Chicago, inclusive pela conformação acusatória de a mesma ser não científica e sim, reformista. O texto reflete este momento, não como um momento de declínio, mas, também de luta e maturação conceitual, apesar de situar as perdas como luta e recomposição e não como fim. Este é o pano de fundo onde o artigo se situa [nota do tradutor].

modelos de emulação é fatídica a qualquer homem. Smith está alertando, no entanto, não contra a escolha de companheiros maus, mas, contra a tomada de modelos - de consumo pelo menos - além do seu alcance.

Este tema é quase o centro de toda uma escola de sociólogos e de filósofos americanos, que inclui, dentre outros, J. Mark Baldwin, Charles Cooley, George Mead, William Thomas, Robert Park, Ellsworth Paris e seus alunos. Talvez devêssemos mencionar Josiah Royce, William James e John Dewey também, pois esses homens, e suas variedades de pragmatismo, faziam parte do mesmo movimento, cada um em seu próprio tempo e moda.

Eu não preciso lembrar a ninguém do lugar da temática dos *outros* na obra de Mead. Poucas pessoas podem estar familiarizadas com a classificação de Thomas sobre os homens em filisteus, boêmios e criativos. Um dos pontos alto dessa classificação é o grau de sensibilidade aos *outros*; Outro ponto é a seleção desses *outros*.

Quando eu era estudante de pós-graduação na Universidade de Chicago - a sombra de Thomas ainda estava lá, Mead ainda pairava no ar, e os meus professores eram Park e Faris, e, praticamente, todos os cursos estavam imbuídos com o problema dos *outros*. Em uma das aulas de Park, um aluno discordou de sua afirmação de que a maioria dos comportamentos sociais decorre do fato de mantermos um olho nos outros e na sua reação real e provável ao que fazemos. Park respondeu com uma pergunta: "Alay, por que você usou calças como esta para vir à escola nesta agradável manhã? Pense como seria bom sentir o vento soprando em torno de suas pernas". Park fez uma distinção entre *status* e *posição*, às vezes, acrescentando adjetivos como *status pessoal* e *posição ecológica* ou *simbiótica*. Um de seus alunos, Clarence Glick, escreveu uma dissertação sobre os chineses do Havaí, mostrando que um homem poderia alcançar uma posição considerável no Havaí, enquanto o seu status pessoal existia apenas em relação ao mundo que ele fisicamente tinha deixado para trás. Park falava de relações simbióticas ou de sobrevivência sem interação social - isto é, de relações sem qualquer sensibilidade mútua ou interpenetração de atitudes e sentimentos. Esta terminologia, que foi útil, se perdeu pelo caminho. Alguém pode fazer a si mesmo e às ciências sociais um grande serviço reunindo e sistematizando o que Park e seus alunos fizeram com todo o problema de sensibilidade aos *outros*. Tampouco Faris deve ser esquecido. Foi em um curso seu que, pela primeira vez, eu ouvi o desenvolvimento da noção de que todo o destino dos experimentos sectários e utópicos se voltava para manter gerações consecutivas como impermeáveis às opiniões dos ímpios, como haviam sido os pais fundadores. É uma noção óbvia, contudo, que leva - quando enriquecida pela obstinação comparativa - a alguns estudos sociais significativos. Contudo, esta noção tem ficado para trás na recente pesquisa social, como também aquela sobre a disseminação da influência na política e no consumo, tema de tudo o que tem sido escrito sobre grupos de referência. Neste ensaio, eu simplesmente adiciono algumas reflexões sobre o assunto, pensamentos que acredito sejam adequados para o nosso tempo, e para o cada vez maior número de pessoas que se consideram profissionais.

O pai de Pearl Buck, um *anjo de combate*, não conhecia o *outro*, mas Deus; às vezes ele parecia pensar que até mesmo Deus precisava ser informado de sua própria mente. Certamente nenhum *outro* ser humano poderia dizer onde Deus tencionava o combate do anjo para pregar o evangelho. Ele violou todos os arranjos de cartel dos conselhos missionários denominacionais sobre quais os territórios que cada um poderia salvar almas. Ele estava tão consumido pelo seu chamado que poderia deixar a esposa sozinha a cuidar de seus filhos doentes em uma pestilenta cidade chinesa, enquanto saía para dar a mais algumas almas a chance de ouvir o evangelho e levá-las a serem salvas,

ou deixá-las e serem condenadas. Deus, - e Deus como o *anjo combatente* sozinho o viu - foi o seu único confrade e o seu único parente.

Hitler confundiu os advogados inteligentes de Berlim quando em julgamento pelo *Munich Beer Hall Putsch*²; o pai de Edmund Gosse (*Pai e Filho*)³ persiste em sua crença da criação do mundo em uma semana, há 4.004 a.c.⁴, mesmo em face da evidência contrária de geólogos e outros colegas cientistas, incluindo Darwin; muitos dos santos, hereges e vilões, rejeitaram fanaticamente as opiniões de todos os *outros*: esposas, filhos, parentes, amigos, classes, irmãos na fé e colegas profissionais.

Eles aparecem magnificamente (se são santos) ou diabolicamente (se hereges ou vilões) indiferentes às opiniões de qualquer um e todos os *outros*. De preferência, pareceriam ainda indiferentes, mesmo se o próprio testemunho e as análises de psiquiatras revelassem que a certeza de seus chamados cobre e compensa alguma incerteza devastadora sobre quem e o que são aos olhos dos próprios *outros* que tão ferozmente desafiam. Ou talvez sofram de alguma rejeição profunda pelos *outros*, ou da falta de vontade em aceitar os seus veredictos humilhantes. As possibilidades são muitas, mas é duvidoso que a aparente liberdade da influência de *outros* dos *verdadeiros crentes* seja sempre a indiferença; eles são fortes, não fracos. Não é da mesma ordem da indiferença autocontida às opiniões dos *outros* que se observa às vezes, talvez, mais frequentemente nas mulheres e nos gatos do que nos homens e nos cães; não é a insensibilidade nem a falta de percepção, mas o desapego, divertido e até confuso.

Se a ausência de direção para e por *outros* é de vários tipos, bem como graus, o mesmo é verdade para a direção mesma em si. O que é mais patético e desmoralizante do que a fatigante tentativa de encontrar favor com outros que não são dignos do suplicante - como se vê às vezes em homossexuais de qualidade intelectual, cuja perversidade consiste, em parte, em buscar o favor de homens menores que eles mesmos. Pensa-se na autodestruição retratada em André Gide, *La Porte Etroite*, e *Si Le Grain ne Meurt*, porém, nesse tipo de atenção ao "outro", não está presente a procura de alguma autossatisfação? O *outro* é, afinal de contas, um instrumento. Quão diferente é a tentativa ajuizada, às vezes torturada, de compreender e responder aos pensamentos, sentimentos e julgamentos dos *outros*, a fim de que se lhes faça justiça ou que se possa perseguir com mais eficácia algum fim ao qual se está dedicado. Isto, também, requer uma medida de desapego, - assim como todo verdadeiro entendimento, mesmo daqueles mais próximos. Os graus e as qualidades do outro-direcionado (*other-directedness*) - para usar a feliz expressão com que David Riesman animou nosso discurso - são, no entanto, apenas um aspecto do problema.

²O Golpe da Cervejaria, também conhecido como o Golpe de Munique, e, em Alemão, como o *Beer Hall Putsch* ou *Hitler-Ludendorff Putsch*, foi uma tentativa fracassada de golpe pelo líder do partido nazista Adolf Hitler, junto com o Erich Ludendorff e outros, para tomar o poder em Munique, Baviera, durante os dias 08-09 novembro de 1923 [nota do tradutor].

³O autor se refere ao livro de Edmund Gosse, *Father and Son: two temperaments*, publicado em 1907, (reeditado: pela Oxford University Press, em 2004). *Pai e Filho: um estudo de dois temperamentos* é um livro de memórias do poeta e crítico Edmund Gosse. O livro narra a relação entre um pai zoólogo e severamente religioso, que rejeita as novas teorias evolucionárias de seu colega científico Charles Darwin, e o embate e a rejeição do filho da religião fundamentalista de seu pai [nota do tradutor].

⁴Esta é a cronologia de Ussher. Uma cronologia do século XVII da história do mundo influenciada pela crença, amplamente sustentada na época, e de acordo com o Velho Testamento, de que a duração potencial da terra era de 6.000 anos, na qual um dia corresponderia a mil anos. A data proposta por Ussher de 4004 a.c. diferia pouco de outras estimativas baseadas na Bíblia, correspondendo aos seis dias da criação do mundo [nota do tradutor].

Outro aspecto se encontra contido na pergunta *Que outro?* De fato, graus e qualidades dificilmente podem ser compreendidos sem referência a essa questão. Uma das complicações da vida civilizada é que se é confrontado com uma variedade de *outros*, alguns *outros* estes cujos sentidos e direções não são compatíveis com os de alguns outros tantos. Nenhum *outro* é completamente compatível com todos os outros. Uma vez que a unicidade dos *outros*, atribuída, - corretamente ou não, - às sociedades primitivas, desapareceu, não há como encontrá-la de novo a não ser pela conversão a uma seita religiosa, política, artística ou intelectual, ou através do desaparecimento em um mosteiro, ou fugir para algum estado totalitário onde o pensamento e a ação sejam igualmente controlados por alguma autoridade central. Neste último caso, algumas pessoas parecem sempre procurar nos subterrâneos do sistema alguma companhia de almas afins, alguns *outros*, para dar-lhes coragem em sua luta para permanecer espiritualmente independente do enorme *outro*, do *Big Brother*. Não é preciso, contudo, ir a um estado totalitário para encontrar esta busca de apoio em um semi-secreto *outro*; ela pode ser encontrada onde e sempre a pressão para a conformidade se tornar opressiva, - seja em uma confraria universitária, em uma profissão fechada, no período de Macarthismo ou mesmo do Ikeísmo⁵, - porque a fraqueza e a tolice nestes lugares são lidas como forma de estabelecer e exigir apoio desesperado e inquestionável, mais do que a força combinada com a inteligência, - pois o homem fraco e escarnekedor têm pouco a recorrer, exceto a reivindicação de lealdade ou de apoio desmesurado que ele acredita ser-lhe é devido.

Certamente estamos em um momento em que parte da própria luta para se tornar um homem está na busca de *outro*. É preciso inteligência para encontrar os *outros* que tragam o melhor de si mesmos, e é preciso coragem para seguir - não, não seguir, mas caminhar lado a lado com esse coletivo *outro*, pronto, feito ou criado pelo esforço mútuo - quando alguém o encontrar. Qualquer um de nós possui certos *outros* vulgares, em virtude de seu nascimento e dos acidentes de sua escolaridade e carreira. Alguns deles estão lá desde a infância, outros se reúnem em sua volta mais tarde. Alguns fluem sobre ele; outros tantos ele escolhe por sua própria vontade e busca na sua admissão a revelação da direção que deve seguir, se for aceito como um deles.

Algumas pessoas encontram, nesta confusão de *outros*, algum equilíbrio ou compromisso complexo entre vários outros. Outras pessoas deixam um ou outro tiranizá-los. A natureza das combinações e dos equilíbrios faz parte da própria organização da sociedade. Julgar a influência relativa de vários *outros* sobre os indivíduos é, de fato, um dos problemas que mais preocupam as pesquisas sociais.

Algumas pessoas conseguem permanecer sensíveis a apenas um único *outro*, mesmo no meio de uma sociedade complexa. Esta sensibilidade encontra-se na essência do sistema de honra entre os oficiais do exército prussiano. Apenas o outro de sua classe poderia realmente ofender, ou dar satisfação por uma ofensa. Ser sensível às opiniões dos civis ou das fileiras inferiores era ser considerado menor, era sentir-se menos do que um oficial e um cavalheiro. Contudo, não somos mais uma sociedade de propriedades fechadas, algumas delas honrosas nesse sentido estrito. Nós desaprovamos a espada de duelo, - usada para manter a face diante de seus colegas honrados, - e o cavalo, - usado para manter as raças menores respeitadas. Mas, temos ainda alguns *outros* muito exigentes, e certa tendência a ficar tão apegados e sensíveis a um deles que perdemos outros apegos e sensibilidades.

⁵O termo *Ikeism* deriva do apelido de Dwight Eisenhower, *Ike*, popularizado durante a sua campanha para presidente dos Estados Unidos, através do mote: "*I like Ike*" ["*Eu gosto de Ike*"] - [nota do tradutor].

Uma ordem de *outros* na qual esta tendência é forte são as profissões, os velhos e estabelecidos, bem como os novos e os em formação. O profissionalismo, em seu sentido valorizado, indica uma forte solidariedade entre aqueles que se encontra em uma ocupação combinada e com um alto senso de dever para com os seus clientes e um bem desenvolvido código de conduta. Em seu sentido pejorativo, se refere a uma espécie de exclusividade, a um grupo-centrismo que torna os membros individuais impermeáveis às opiniões, e mesmo, às próprias balizas de pensamento e sentimento, dos que estão de fora do seu círculo profissional. As profissões não são apenas *funcionais*, no sentido peculiar em que esse termo tem sido usado, elas são hiper-funcionais, a um grau patológico, em alguns casos. O profissionalismo, por mais digno que sejam os motivos para persegui-lo, muitas vezes levou a uma precipitada cristalização das técnicas, da apologia e, portanto, da substância do treinamento e das qualificações exigidas aos que entrariam na ocupação. Este fato foi verdadeiro e claro no serviço social, onde o estado da arte em um determinado período foi endurecido em um currículo, do qual as escolas de serviço social estão se recuperando apenas agora. É verdadeiro também na educação, onde certamente havia e há uma necessidade de melhoria enorme dos padrões profissionais e de preparação para a prática. Todo o mercado educacional se encontra preso em um profissionalismo dogmático e, às vezes, intolerante e, geralmente, sensível e impaciente com relação à crítica de outros *outros* - pais, público ou pessoas educadas que não pertencem às fileiras *educacionais*.

Uma nova profissão, uma em formação, muitas vezes toma como o *outro* comum, para o qual seus membros dirigem a sua conduta, alguma outra profissão com maior tradição e história e consolidada ou que ocupa um lugar mais sólido. Para o serviço social, a profissão de fora procurada – o *outro* foi a profissão psiquiátrica; para os enfermeiros, os seus incômodos superiores, isto é, os médicos; para os psicólogos, os médicos e os biólogos. Para os sociólogos, os grupos exteriores emulados são, sem dúvida, vários. Mas, o papel do irmão mais velho é assumido pela psicologia, e os sociólogos estão inclinados a permiti-lo. Assim, há uma espécie de reação em cadeia: o psicólogo deve ser um terapeuta, seguindo o modelo do médico, ou um cientista, seguindo o modelo de fisiologistas ou físicos. Os sociólogos devem ser cientistas, seguindo os psicólogos quer por desejar imitá-los, quer por temer que eles possam roubar as suas prerrogativas. Em nosso mundo de ocupações ascendentes, assim como de indivíduos móveis, ocorre, portanto, uma espécie de direção coletiva. Quando um grupo ocupacional está ativamente escalando e assumindo um modelo, é provável que seja especialmente severo na sua exigência de conformidade com esse modelo para os que se encontram em suas próprias fileiras, - assim como um indivíduo móvel exerce pressão sobre a sua família para não condená-lo antes da empresa buscada. É de se suspeitar que alguns seguimentos rituais dos sociólogos sobre o que se pensa serem as únicas técnicas de pesquisa de som são devidos ao desejo de impressionar os seus irmãos científicos mais velhos, isto é, àqueles que ganharam o reconhecimento como cientistas. Em algum lugar neste complexo de coisas, se encontra o que se poderia chamar de o "*outro-dirigido burocratizado*", isto é, um seguimento espantoso de rituais em que se acredita que levarão, por uma espécie de direito, à promoção ao posto seguinte do sistema em que se trabalha e vive.

Cada profissão executa o seu trabalho em alguma matriz social em interação com qualquer tipo de pessoas definidas como os seus clientes, como colegas na própria profissão e como pessoas em ocupações relacionadas, e com pessoas relacionadas de várias formas aos seus clientes e, eventualmente, com elementos do público. A própria palavra *profissão* implica certa solidariedade social e moral, uma forte dependência de um colega sobre as opiniões e os juízos dos outros. Na verdade, se depende mais das

opiniões de alguns colegas do que de outros; e algumas profissões são mais guiadas pela opinião do grupo do que outras. Em nossa sociedade, é inevitável que as profissões estejam entre os *outros mais significativos* para os quais e por quem a conduta é dirigida, pois temos mais profissões do que nunca e uma maior proporção da força de trabalho se encontra nelas. Isso torna mais importante que as relações entre a direção da profissão e a sensibilidade aos outros envolvidos na trama do trabalho sejam mantidas flexíveis, complexas e em equilíbrio. Um homem que apostou tudo em sua reputação com os seus clientes - pacientes, estudantes, *casos* - está em grande perigo de ser considerado um charlatão. Na verdade, a essência de ser charlatão não reside na qualidade do seu trabalho, mas no *outro* para o qual dirige o seu comportamento. Um profissional, que é completamente cliente-dirigido, sem levar em conta os julgamentos dos seus colegas profissionais, é provável que seja por eles declarado charlatão. De fato, ele pode ser um charlatão ou um inovador brilhante. O equilíbrio ideal entre a sensibilidade ao *outro* profissional e a capacidade de resposta das pessoas de fora - colegas de trabalho de outras especialidades ou profissões, clientes próprios e de outras pessoas, e aos vários setores do público - variam de uma profissão para outra e de uma situação para outra. Mas, em todos os casos, há alguma distribuição de *direcionamento* entre os vários *outros* que estão envolvidos no seu trabalho. O grande problema de um homem é fazer com que o equilíbrio seja de sua própria criação e que ele o ache inteligentemente e com a percepção de e dos vários *outros*.

Uma das grandes glórias de uma civilização urbana é o homem complexo, afinado a muitos *outros* em sua órbita de vida, selecionando conscientemente os impulsos aos quais ele responderá e de que não será dissuadido de responder por que um de seus *outros* - e o ofensor muitas vezes é o *outro* colega - reivindica toda a sua fidelidade e exige que ele aceite e defenda suas doutrinas e técnicas atuais *in toto*. Acho que este tipo é o tal homem que William I. Thomas chamou de *criativo* e que David Riesman chamou de *autônomo*. Ele não seria um autômato, um míssil guiado, não seria um *anjo de combate*, nem um paquiderme impenetrável aos piolhos, nem uma cana soprada pelo vento, mas, um homem de muita sensibilidade que alcançaria e manteria - por sua escolha inteligente e corajosa as mensagens a que ele responderia, pela escolha dos seus *outros*, - a liberdade de uma alta, mas resistente e resiliente qualidade.

No mundo acadêmico e profissional, tal liberdade se manifesta na escolha de colegas próximos, independentemente de departamento ou especialidade. Quanto mais essa liberdade for vigorosa e sensivelmente exercida, mais força se tem para combater os ataques à liberdade acadêmica e profissional. Deste modo, se tem mais liberdade para perder, mas, por outro lado, melhores armas para defendê-la. E, além, se torna possível ampliar o avanço na empresa comum a todos, que é a de compreender o homem e a sociedade.